

## APRESENTAÇÃO

A proposta do tema LETRAS E VOZES INDÍGENAS E AFRICANAS para a revista *Boitatá* nasce da percepção de uma urgência. O século XX deflagrou a necessidade de ruptura epistemológica quando, das ciências naturais às ciências humanas e sociais, o princípio da relatividade desconstruiu a centralidade absoluta do sujeito Iluminista. Caíram por terra as bases do construto operacional chamado razão, e com ela as categorias de verdade e univocidade do sentido. Mediados pela linguagem, os sujeitos conhecem o mundo a partir de um ponto de vista, que por sua vez os constitui enquanto sujeitos. Tornam-se necessárias novas teorias para dar conta de um mundo simultaneamente mais amplo e mais superficial, enfim, global. Tais teorias surgem de lugares e de perspectivas instáveis, a partir de sujeitos que se deslocam e que renovam ou propõem conceitos.

No âmbito dos estudos literários, os estudos culturais e pós-coloniais conectam eventos históricos (como a corrosão do colonialismo na Ásia e na África) a perspectivas estéticas e culturais emergentes. A nosso ver, essa renovação teórica não pode ser dissociada do surgimento de vozes de atores privilegiados, de contextos até então periféricos e de tradições que, embora milenares, encontravam-se submersas e silenciadas. Novas autorias ó diríamos mais, diferentes cosmogonias ó fecundam as teorias e mobilizam diferentes modos de conhecer e dizer o mundo.

De certo modo, o GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, a que a Revista *Boitatá* está vinculada, desde sua criação no final da década de 80 esteve ligado a tais atores e estéticas. Os estudos sobre o cordel e os autores populares brasileiros já sinalizavam para a necessária escuta das vozes pouco reconhecidas pelo canône literário e demandavam a busca de aparato teórico que extrapolasse a centralidade do saber letrado e formal.

Embora resultantes de condições históricas distintas, também em meados de 80 as literaturas africanas em língua portuguesa e as literaturas indígenas no Brasil trazem inovações formais e temáticas para os estudos literários. Sua diferença desafia e demanda estéticas e teorias complexas que permitam sua inserção na cena discursiva contemporânea. A grande acolhida do tema, que ocasionou a separação das temáticas ó indígenas e africanas ó em dois volumes da Revista, constitui um indício do interesse e da urgência que essas produções trazem.

Neste número 12, apresentamos a Seção *Letras e Vozes Indígenas*, que conta com nove artigos e uma resenha. Iniciamos pelo texto de Onilma Freire dos Santos, *As diversas maneiras de aculturação na América Andina*, em que propõe um entendimento de fusão intercultural, de re-significação das culturas. Na sequência, temos *Narrativas orais no Marajó das florestas: memória tupi em pelepas pela Amazônia Marajoara*, em que Joel Pantoja da Silva e Ivânia dos Santos Neves revelam a persistência de uma memória discursiva Tupi, a qual se projeta como lugar de reafirmação de experiências históricas.

Em *Escritas indígenas: uma experiência poético-pedagógica*, Cláudia Neiva de Matos relata sua experiência como docente na formação de professores indígenas e a decorrente produção de textos escritos. Ela comenta dois textos e imagens produzidos na década de 1990, explorando a força poética e a percepção diferenciada destes escritores sobre o mundo, e finaliza com uma importante discussão a respeito do poético em geral.

Mário Geraldo Fonseca propõe, em *O papagaio-xamã de Macunaíma*, uma intrigante leitura da obra de Mário de Andrade, observando o jogo de vozes do Epílogo. Já em *As aventuras de Aré no mundo de Blau Nunes: vozes indígenas na obra de Barbosa Lessa*, Jocelito Zalla observa a recorrência da questão indígena na obra do escritor gaúcho, enfocando principalmente a literariedade tradicional de inspiração oral no livro *Era de Aré*.

Rejane Seitenfuss Gehlen, por sua vez, no artigo *Identidade de Eliane: a face potiguara, a máscara indígena e o eco de vozes silenciadas*, analisa a obra *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara, revelando uma poética marcada pela oralidade. A reflexão sobre as escritas de autoria indígena segue com *Vozes da floresta: a oralidade que (re)vive na escrita literária indígena*, de Érika Bergamasco Guesse, em que se aponta a estreita relação desta literatura com a tradição oral.

Se os textos poéticos indígenas passam a ganhar espaço e visibilidade, de que maneira eles serão confrontados e aproximados do cânone literário brasileiro. É isso que aborda Roselene Berbigier Feil, em *O (não)lugar do indígena na õliteratura brasileiraö: por onde começar a inclusão?*.

O último artigo da seção é *O canto e a voz guarani: a divindade da palavra oral*, de Livia Petry Jahn, que busca discutir a palavra Guarani sob seus diversos aspectos.

Fechando a seção temos ainda a resenha *Yuxin: alma*, de Gabriela Cristina Carvalho que apresenta e discute, sucintamente, o romance de Ana de Miranda, publicado em 2009.

No presente número, contamos ainda com uma Seção Livre, com quatro artigos. O primeiro, *Um carnaval na barraca: algumas considerações sobre a formação e os personagens do teatro de mamulengos*, de Lucas Antunes Oliveira, investiga aspectos históricos e sócio-culturais do Mamulengo, mantendo o foco na representação do personagem "Herói".

Carolina Dittrich, no trabalho *Vertentes primitivistas e a metáfora da deglutição*, discute a perspectiva antropofágica e a valorização do primitivismo na arte das vanguardas. Em *A crítica cientificista em negativo na peleja do negro e do branco*, Geice Peres Nunes observa a presença da crítica cientificista na peleja de Inácio da Catingueira e Romano da Mãe d'Água. Fechando a seção, Luciano Carvalho do Nascimento, no artigo *A performance vocal dos intérpretes de sambas-enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro*, analisa a ligação dos intérpretes de sambas-enredo com culturas orais tradicionais.

Finalmente, gostaríamos de deixar registrado aqui, no momento em que fechamos esta edição, o anúncio, pela CAPES, da elevação do qualis da Boitatá para "B1". Este é o reflexo da colaboração coletiva que se empenhou pela qualificação da revista. Agradecemos a todos que vêm, de alguma forma, apoiando este trabalho. Um agradecimento especial àqueles que emitiram pareceres para este número da revista.

Ótima leitura a todos!

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy  
Felipe Grüne Ewald  
Marcelo Rodrigues Jardim

Londrina, 08 de fevereiro de 2012